



As encomendas existem

Sergio Bacci, presidente da Abenav, alerta que Sete Brasil não é a única demanda importante no setor naval

Danilo Oliveira

A Associação Brasileira das Empresas de Construção Naval e Offshore (Abenav) acredita que o governo encontrará em breve uma solução para a Sete Brasil. Apesar de o mercado estimar que, pelo menos, nove das 29 sondas contratadas pela empresa não sejam construídas, a entidade avalia que o setor não está parado. Um dos motivos são as encomendas de outros segmentos, que estão sendo vistos com mais atenção pelos fornecedores. Em entrevista a **Portos e Navios**, o presidente executivo da Abenav, Sergio Bacci, defendeu que a desaceleração na carteira de grandes encomendas não pode permanecer por muito tempo. Segundo Bacci, é essencial que o setor naval recupere o quanto antes essa carteira de construção.

Os associados estão ampliando o escopo de atuação neste período de incertezas na construção naval. A Abenav está estruturando iniciativas no comitê setorial de tendências e demandas, que mapeia segmentos relevantes como: Marinha brasileira; construção de empurradores fluviais e rebocadores; avanço no conteúdo local nos navios petroleiros e de produtos para a Transpetro; e integração de módulos para plataformas de produção de petróleo.

Bacci reafirmou a posição da Abenav a favor da manutenção de política de conteúdo local. Ele disse, no entanto, que a associação e o Sindicato Nacional da Indústria da Construção

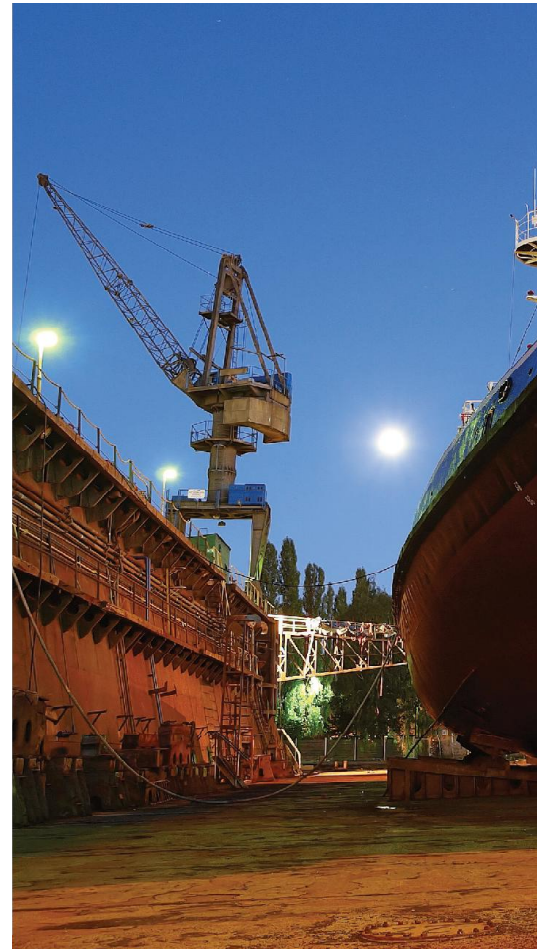
e Reparação Naval e offshore (Sinaval) se dispõem a contribuir com o governo, caso haja uma discussão para mudar a política, conforme especulado. As duas entidades enviaram uma carta em conjunto ao ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, e à diretora geral da ANP, Magda Chambriard, no intuito de debater juntamente com os envolvidos nos estudos, ações e consequências que possíveis mudanças nas regras de conteúdo local irão impactar no setor.

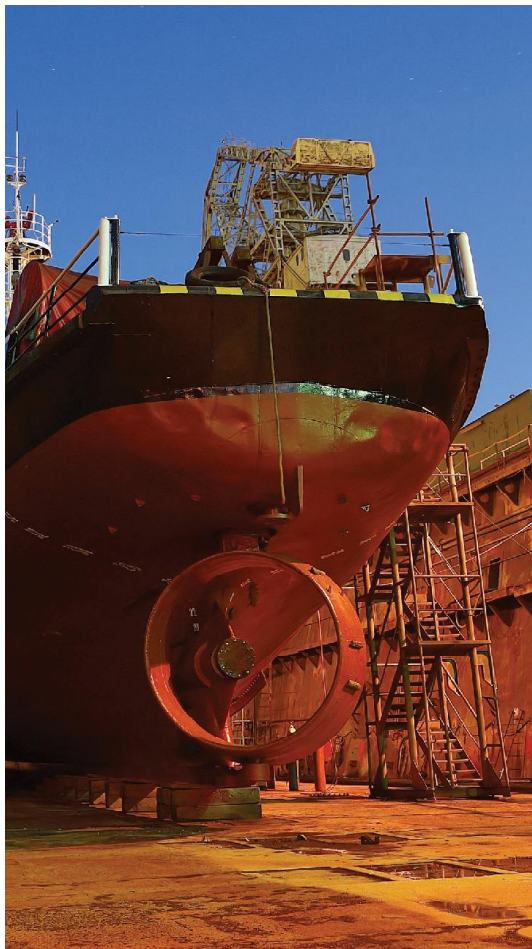
Portos e Navios: A Abenav passou por uma reformulação em sua diretoria no início deste ano. Quais foram as principais mudanças?

Sergio Bacci: *Não há grandes mudanças. Do ponto de vista de orientação, não mudou absolutamente nada. O que muda é a forma de gestão. A Abenav foi criada para tentar viabilizar a aproximação entre a indústria naval e a cadeia de fornecedores. Muitas vezes existe dificuldade de alguns fornecedores porque o comprador já tem a carteira dele fechada.*

PN: Desde 2014, o setor enfrenta incertezas por conta da operação Lava-Jato e da crise na Petrobras. Quais as alternativas para o setor na visão da Abenav?

Bacci: *Na crise é preciso ser criativo, senão você morre. Temos que buscar*





viabilizar a cadeia de fornecedores, mesmo com a crise. O fornecedor não pode esperar. Um nicho de mercado que não vai parar é o reparo. De tempos em tempos, o barco tem que docar, fazer suas manutenções. Na reunião realizada em 26/05, a Abenav trouxe uma classificadora (Rina) para mostrar quando se doca, o que se faz na docagem, quais são os períodos de docagem, se são docagens de longo prazo e se precisam fazer manutenção na linha d'água. Vamos trazer um armador para dizer do ponto de vista dele como é essa docagem, quem faz as compras — se deixa na mão do estaleiro ou se tem ingerência.

Com esse conjunto de informações, abrimos o mercado para essa cadeia de fornecedores. É mais um nicho que, como o mercado estava aquecido, os fornecedores não estavam dando tanto valor. Outro caminho são conversas com a Marinha do Brasil, que tem vários projetos em andamento com recurso disponibilizado para conteúdo local. São projetos de cin-

No caso dos barcos de apoio, não houve desaceleração. Eles [estaleiros] continuam trabalhando no ritmo normal. Os barcos que estão sendo feitos serão entregues nos prazos

co submarinos convencionais e um nuclear que serão construídos em Itaguaí, no Rio de Janeiro.

PN: Onde mais existe mercado?

Bacci: O volume de recursos também não é estratosférico, mas ficava de lado a questão de empurradores e barças na região Norte. São construídos muitos empurradores e barças lá e está crescendo. Existem estaleiros com 60 barças para serem construídas. Esse é um nicho de mercado em que os grandes fornecedores não se preocupavam muito.

PN: Qual a expectativa da Abenav em torno da Petrobras?

Bacci: O próximo passo é o novo plano de negócios da Petrobras. Com ele, vamos saber aonde nós vamos. Essa indústria precisa de planejamento. Não adianta encomendar ao estaleiro um PSV 4.500 para março de 2016. Nem que o estaleiro estivesse vazio. Estaleiro depende de equipamentos, produção e várias coisas que são encomendadas e demoram às vezes um ano para serem entregues. Esse mercado depende de planejamento. Não adianta falar que precisa de um negócio para daqui a um ano. Precisa pensar o setor quatro, cinco, seis anos à frente. O plano de negócios da Petrobras será o grande balizador para os próximos anos. Saberemos qual o tamanho que a Petrobras vai querer para essa indústria.

PN: Como ficam os estaleiros nesse contexto?

Bacci: É importante que, em se reduzindo essa demanda, que essa redução seja momentânea. Porque nenhum estaleiro sobrevive com a construção de

três a quatro plataformas. Ele precisa ter mais demanda, senão ele fecha. Se houver redução agora, que ela seja passageira e em breve se retome os investimentos para construir novas plataformas no país. Se metade do que se diz do pré-sal acontecer, vai precisar de muita coisa.

PN: Qual deve ser o impacto no cronograma?

Bacci: No caso dos barcos de apoio, não houve desaceleração. Eles [estaleiros] continuam trabalhando no ritmo normal. Os barcos que estão sendo feitos serão entregues nos prazos. Quanto as sondas e plataformas, é possível que sofram atrasos porque os estaleiros estão desde novembro sem receber recursos da Sete Brasil. Ficar seis meses sem receber impacta de forma astronômica.

Um ou outro estaleiro pode ter algum atraso por falta de recursos. Estaleiros com mais capacidade de investir não vão atrasar porque continuaram o ritmo da obra com recursos próprios. Pode ter atraso num ou outro. Não acho que vai ser algo que vai afetar a produção de petróleo do país. Até porque, possivelmente, a Sete deve reduzir o número de sondas.

PN: Há risco de os estaleiros brasileiros perderem contratos para estaleiros asiáticos?

Bacci: Espero que não, trabalharei com todas as minhas forças para isso não acontecer. Não passei sete anos da minha vida no governo ajudando a construir essa indústria para jogar tudo no lixo agora. Essa indústria gera emprego no Brasil, já mostrou que tem capacidade e que tem sucesso para construir petroleiros, sondas, navios de



apoio. Se os asiáticos querem construir, venham para o Brasil. Façam como os americanos e noruegueses que vieram para cá, investiram e constroem no país.

PN: Qual a visão da Abenav em relação à demanda para construção naval?

Bacci: Tem demanda. A Sete Brasil é uma demanda importante, mas se pegarmos o segmento de barco de apoio, bem ou mal, está funcionando. O grupo CBO, com estaleiros Aliança (RJ) e Oceana (SC), têm cinco barcos para construir. O Navship está construindo casco 37 e tem prioridade no fundo aprovada para construir até o 53 — são mais 16 embarcações. A Wilson Sons está construindo para ela e para terceiros. O Vard tem obras no Rio e em Pernambuco (...). O que pegou em cheio foram as sondas (Sete Brasil). Não é que esteja parado, as obras estão acontecendo num ritmo desacelerado.

PN: O plano de negócios da Petrobras, tão aguardado pelo mercado, deve ser mais realista desta vez?

Bacci: Não acredito que o plano de negócios será um plano fictício, será um plano realístico, com coisas factíveis. Portanto, ela vai se adequar ao momento. Talvez não vamos ter o volume de investimentos que se previa anteriormente, mas acho que haverá volume de investimentos para manter a indústria para ir se adequando no decorrer dos próximos anos até voltarmos

É importante que, em se reduzindo a demanda, seja momentânea. Nenhum estaleiro sobrevive com a construção de três a quatro plataformas

a ter volume de investimentos como tivemos.

Acho que a Petrobras já passou pelo momento mais agudo da crise, o mercado aceitou o balanço de forma positiva e a tirou da crise mais aguda. Evidentemente, que não é a Petrobras de quatro anos atrás, mas começa a ser retomada. Tira um pouco esse ranço de que lá as coisas só se dão de formas não tão republicanas. Põe no trilho de novo, que é o caminho normal da empresa.

A Petrobras é o nosso carro-chefe. Se ela descarrilar, todos nós descarrilamos juntos. A hora que ela conseguir isso, vamos retomar de forma consistente essa indústria e seguir. A indústria naval não é algo que dois ou três malfeitores fazem, ela é composta por 70 mil

pessoas que trabalham e geram riquezas para o país.

PN: Uma grande delegação de chineses visitou o Sinaval e os maiores estaleiros do Brasil. Quais são os interesses e oportunidades de negócios entre os dois países?

Bacci: Os chineses estiveram conosco, se mostraram muito interessados em vir para o Brasil. Apresentamos possibilidades de negócios e eles ficaram de analisar e voltar a contatar essas possibilidades que apresentamos com empresas que têm interesse em ter parceiros. Eles estão interessados em grandes estaleiros. Eles sabem e o mundo sabe que o Brasil é a bola da vez na construção naval e offshore. A demanda do pré-sal é muito grande. Todo mundo sabe que vai se construir muita coisa. Quem não quer que construa aqui está mal intencionado, como já aconteceu no passado, quando se construía tudo fora.

PN: Durante a OTC 2015, em Houston, o ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, e a diretora da ANP, Magda Chambriard, indicaram a possibilidade de mudanças na política de conteúdo local. O que pode mudar na construção naval e offshore?

Bacci: Abenav, Sinaval, fornecedores e estaleiros estão empenhados em manter política de conteúdo local. É bom para fornecedores e estaleiros brasileiros e bom para o país, gera emprego e renda aqui. Com o boato de que pode ter mudança de conteúdo local, pedimos que, tendo alguma modificação, que sejamos ouvidos também. A princípio, a Abenav fez carta ao MME dizendo que gostaria que não mudasse conteúdo local porque é uma política que está dando certo, mas caso abra discussão para isso, nós (Abenav e Sinaval) gostaríamos de ser ouvidos porque temos posições e interesses até maiores que o IBP [Instituto Brasileiro de Petróleo], pois somos empresas brasileiras. Em 2003 a indústria naval contava com dois mil funcionários e hoje tem 70 mil empregos. Parte do êxito é por conta da política de conteúdo local. Política que é isolada, pois ela não é casada com política industrial. O país não tem política industrial pensada e planejada. ■